

Os barracos dos endereços nobres

Elmano Augusto

Eles moram no coração de Brasília, o Plano Piloto, a área nobre da capital federal. Os seus endereços são chiques. Tanto podem levar ao elegante Setor de Embaixadas Sul como no aprazível Setor de Hotéis de Turismo Norte, ao lado do Palácio da Alvorada, a residência oficial do Presidente da República. Mas, podem levar ainda à beira do Lago Paranoá ou à Esplanada dos Ministérios.

Verdade que suas "casas" não obedecem aos mais criteriosos padrões da engenharia civil, não dispõem de infraestrutura qualquer e não são tão equipadas quanto a dos vizinhos ilustres. Mas, não tem nada, não. Eles vão se virando assim mesmo, escapando do sol e da chuva e dos altos aluguéis ditados pela especulação imobiliária.

Eles são o que poderia se chamar de remediados de luxo — operários, biscateiros, desempregados, migrantes, esfomeados, miseráveis de todo o

tipo que ergueram barracos de tábua, lata, madeira, papelão e até lascas de pneus em áreas privilegiadas do Plano Piloto, para ficar mais perto do trabalho e das oportunidades.

Nos barracos, que destoam absurdamente da arquitetura requintada de Brasília, como se denunciasses o outro lado da "ilha da fantasia", eles moram há anos — alguns desde a fundação da cidade. Nesses cubículos imundos e fétidos, tiveram filhos e netos. Assim, não é difícil encontrar até 27 pessoas de uma só família, incluindo recém-nascidos, em espaços de menos de 15 metros quadrados.

De lá, eles dizem que não saem de jeito nenhum — "Só para um lote do dotô Roriz", abrem essa exceção oportunisticamente. Mesmo porque se fossem obrigados a optar por outro lugar não teriam como pagar o aluguel. Qualquer quarto de fundos na Ceilândia não sai por menos de Cr\$ 50 mil. No Plano Piloto, nem se fala.

Até "fazendinha" tem no centro

Você já imaginou acordar com o canto de galos, o relinchar de cavalos, no meio de plantações de cana e fruteiras, no mais bucólico clima de fazenda, tudo isso há apenas alguns metros do centro de Brasília? Pois bem, pode parecer impossível, mas não é. Pelo menos para o cearense Francisco Pessoa Neto.

Francisco dispõe de uma verdadeira fazenda num terreno baldio do Setor Comercial Norte, entre o edifício Venâncio 3000 e o autódromo, de onde se vislumbra um dos cartões postais mais divulgados de Brasília — a Torre de Televisão.

Lá, ele mora num mal-equilibrado barraco com sua filha única, a menina Cláudia, de oito anos. "Completo em fevereiro", comemora Francisco, que, além de erguer a "casa", com támpões de madeira de uma construção próxima, montou no lugar um próspero "complexo agropecuário".

Para quem quiser verificar in loco, há na "fazenda" de Francisco, escondida no meio do matagal, um bom pasto para seus dois cavalos e um chiqueiro com 12 porcos, além de plantações de cana —

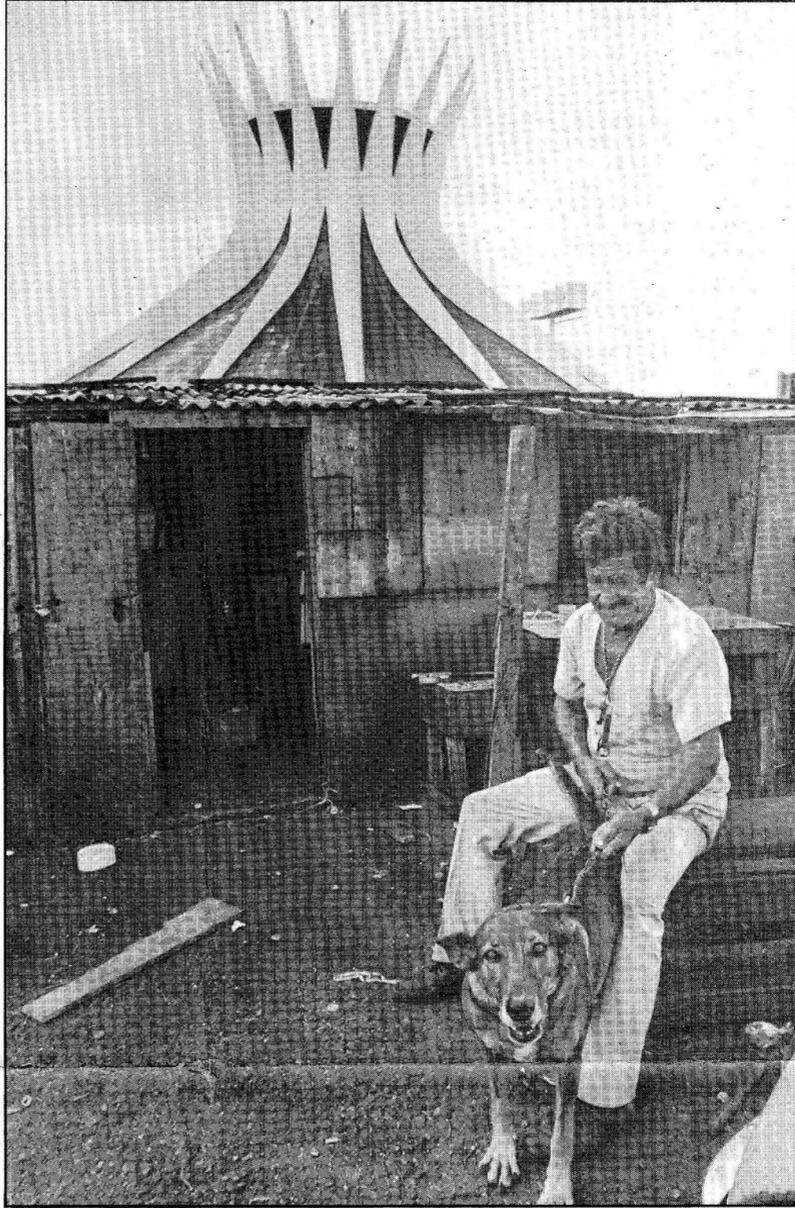
"tem mais de seis mil quilos aí" — e mandioca —, "há uns três mil pés".

Paraíso — Todo esse clima de fazenda, está há menos de um quilômetro do Palácio do Buriti, a sede do governo. "Vim de São Paulo, onde estava morrendo de fome. Não tinha onde morar, armei meu ranchinho aqui. Pagar aluguel é coisa que não posso nem pensar", diz Francisco, que mantém na parede de sua "casa" um papelão com o sugestivo letrero: "Alto Paraíso".

Ele garante o sustento com a venda da mandioca e da cana e cobrando fretes que faz na sua carroça. Morando próximo do centro comercial de Brasília, Francisco pode ser visto no Venâncio 3000 ou no Conjunto Nacional. Apanhando fretes e (por que não?) fazendo suas comprinhas também.

Durante todo esse tempo em que mora no local, ele só foi "importunado" pelos funcionários da Terracap, uma vez. "Eles disseram que eu não poderia ficar no local, me deram um prazo de 15 dias para eu sair e não mais voltarem. Assim, vou continuando por aqui, com o meu ranchinho", regozija-se Francisco.

FOTOS: JORGE CARDOSO



"Seu" Viriato e sua cadela "Aída" moram na Esplanada dos Ministérios, há 15 anos



Francisco e a filha Cláudia, moram em terreno baldio do SCN onde têm plantações



"Sergipe" gosta da moradia e diz não ter problemas com vizinhos da classe média



Dona Maria, chefe da clã, diz que sai do barraco se ganhar lote do "dotô" Roriz

Miséria entre dois poderes

Viriato Nascimento é um privilegiado. Mora ao lado do poder de Deus e dos homens. Explica-se: "seu" Viriato, como é mais conhecido, habita um apertado barraco de madeira, forrado por telhas de amianto, na Esplanada dos Ministérios — bem ao lado da Catedral Metropolitana e a alguns metros do Palácio do Planalto.

Aos 70 anos, ele está praticamente surdo — o que até o ajuda a conviver com os latidos históricos de sua única "companheira", a cadela "Aída", uma raivosa descendente dos pastores alemães.

O barraco de "seu" Viriato junta-se a vários outros, usados pelos vendedores de flores e artesanato do local, formando um "paredão de miséria", providencialmente encoberto pelo "muro da vergonha" que circunda a Catedral.

É nesse barraco bem situado que "seu" Viriato, um mineiro de Dores de Indaia, faz solitariamente suas refeições — quando as têm — num fogão de duas bocas e dorme numa casa de pau, em meio a latas, pneus, pedaços de ferro, tralhas e um pôster de campanha do presidente Collor.

Operário da construção, ele veio para Brasília em 1957, "ajudar a tornar realidade o grande sonho do presidente Juscelino Kubitschek". Trabalhou, por sinal, nas obras da Esplanada dos Ministérios. Depois, vagou pela periferia com a mulher e os oito filhos, sempre morando em habitações precárias.

Abandonado pela família, há 15 anos, e sem dinheiro para pagar aluguel, "seu" Viriato fez humildemente o caminho de volta, retornando à Esplanada dos Ministérios, que ajudou a construir. Dessa vez, para morar.

Ali, ele ganha a vida como vigia dos barracos que servem de depósito para os camelôs da Catedral. De gorjeta em gorjeta, Viriato vai garantindo o feijão com arroz do dia-a-dia, cujas sobras ficam para "Aída". "Se estivesse em outro local fora do Plano nem isso ganharia. Já estaria morto", diz o senhor de 70 anos que ainda hoje espera por uma aposentadoria que deveria ter saído há 15 anos.

Feliz junto do Alvorada

Endereço mais pomposo do que o do mineiro Gaspar Ricardo Pereira, 35 anos, não há. Ele é vizinho do Palácio da Alvorada, a residência oficial do Presidente da República. É certo que o Alvorada perdeu um pouco do seu glamour no governo do presidente Collor, que prefere a Casa da Dinda. Mas, isso não entristece Gaspar, que continua feliz num barraco de madeira com a mulher e os dois filhos.

A residência oficial da família Pereira fica no Setor de Hotéis de Turismo Norte, bem em frente ao esqueleto do Brasília Palace Hotel, a alguns metros do Palácio da Alvorada. O lugar é um dos mais agradáveis e ecológicos de Brasília. De lá, se tem uma vista fantástica do Lago Paranoá, com seu espelho d'água brilhando à luz do sol.

Gaspar baixou acampamento no local há 13 anos. "Morava na Ceilândia e não conseguia pagar aluguel", lembra ele, que, de início, montou uma barraca de venda de bebidas, para atender a peãozada que trabalhava nas obras de reforma do Brasília Palace. As obras foram suspensas, mas Gaspar continuou mineiramente no lugar, transformando sua barraca de bebidas num barraco residencial, hoje dividido em quarto, sala e cozinha.

Canil — Ao lado do barraco, ele mantém um canil, onde cria cães de raça. No momento, ele tem um casal de dobermans, para procriação, e um pequenino Poodle. Da venda dos cães, que diz ter ganho de amigos, de biscates, que faz constantemente, e ainda da venda de bebidas, que nunca deixou de fazer, ele garante uns Cr\$ 50 mil todo mês.

Com essa renda mensal, ele já comprou até televisão para o seu barraco, abastecido com energia elétrica pela CEB. Os dois filhos, França, de nove anos, e Franklin, seis, estudam na escola pública da Vila Planalto, bem perto. "Se continuasse morando em Ceilândia, estava frito. Aqui, resolvi a minha vida", diz Gaspar.

Morar no Plano Piloto tem ainda outras vantagens para Gaspar e sua família. "Nos domingos, quando faz sol, a gente pega um ônibus e em cinco minutos está no Parque da Cidade. Meu filho se diverte muito naqueles brinquedos. Se não tiver dinheiro, a gente vai a pé mesmo. Agora me responde: eu poderia fazer isso, se morasse em Samambaia, na Ceilândia?"

A vida entre o lixo e o luxo

O sergipano José Walter Lisboa, 54 anos, vive do lixo e no lixo, literalmente. É no "Lixão da L-2 Sul", um depósito de lixo num terreno baldio da 615, onde ele tira o sustento — menos de um salário mínimo por mês — e mora num improvisado barraco há menos de um ano. "Sou sozinho, minha família está em Sergipe. Não tinha onde cair morto. Então, cá aqui", admite José Walter, ironicamente vizinho da Coordenação de Ação Social do GDF, na 616.

Tratado carinhosamente pelos frequentadores do "Lixão" por "Sergipe", Walter sonha um dia ganhar um lote para montar o seu barraco e levar uma vida mais saudável, longe daquela sujeira toda. Mas, não tem ilusões: "Sem um padrinho político, as coisas ficam muito difíceis", conforma-se.

O dia-a-dia de José Walter é um lixo. A começar pela "casa", um pedaço de

plástico preto (achado no lixo) apoiado por quatro paus e pedaços de madeira (achados no lixo), que abriga um resto de cama (achado no lixo). Lá dentro, ele dorme.

A "cozinha" fica do lado de fora, ao lar livre, no meio do lixo. Em uma espécie de fogão pré-histórico, formado por dois tijolos e muita lenha, ele prepara o seu café da manhã ou o feijão do almoço em panelas de barro.

Além dos blocos das quadras residenciais, à sua frente, a única paisagem de que ele desfruta todos os dias são as montanhas de lixo. A pergunta sobre o porquê de ele morar ali, Walter reage com bom humor: "Sou catador de lixo. Resolvi morar no meu habitat natural", brinca, garantindo manter "boas relações" com os seus vizinhos de classe média.

Setor vip mantém casebre lotado

A mineira Maria Rosa de Almeida, 52 anos, fecha os olhos, força a memória e conta nos dedos: "São... são... olha já perdi a conta", confessa para a gargalhada geral. "São 27 pessoas, contando com minha neta que nasceu no mês passado", acerta, enfim. Ela se refere à sua família, que inclui três filhos, sete netos, duas noras e um genro, duas irmãs e seus maridos, três primas com maridos e mais quatro sobrinhos.

Essa gente toda mora num barraco de madeira e zinco, que não mede mais que 15 metros quadrados, no Setor de Embaixadas Sul, a um passo da embaixada do Japão. A região é uma das mais elegantes de Brasília, embora o mesmo não se possa dizer do barraco onde mora a família de dona Maria Rosa.

O único sinal de vida civilizada é a luz elétrica, garantida pela Ceb, que até instalou um poste no local. No mais, o casebre lembra um monte de tábuas e latas velhas, cercadas de imundície por todos os lados. Lá, dona Maria Rosa mora desde 1956, quando chegou de Minas com o marido Geraldo Estefânio, para trabalhar no acampamento da construtora Saturnino de Brito, que ainda tem escritório ali perto.

Estefânio morreu logo depois do nascimento do terceiro filho do casal e a direção da construtora resolveu deixar dona Maria Rosa no barraco. "Eu não tinha para onde ir", recorda. No casebre, que foi se ampliando com o crescimento da família, dona Maria Rosa viu

nascer seus filhos e netos. "Mais da metade de minha vida está aqui, por isso vou logo avisando: daqui não saio, daqui ninguém me tira", diz ela, citando versos de antiga marchinha carnavalesca. "Mas, tem uma coisa: Se o dotô Roriz me der um lote, posso até mudar de idéia", ressalva, escorregadia.

Minhocas — Nas horas vagas, dona Maria Rosa cõlhe minhocas — que ela chama de "boró" — para vender aos pescadores do Lago Paranoá, que fica a alguns metros. Ela cria ainda galinhas — "é só para comer, mesmo" — e cultiva um pomar, que conta com pés de manga, goiaba e banana, entre outras frutas.

Todos os três filhos trabalham no Plano Piloto — Marcio, o mais velho, como segurança; Avelino, o do meio, como técnico eletrônico, e Zelita, a mais nova, como faxineira.

Os netos de dona Maria Rosa — o mais velho com 14 anos — estudam também em escolas públicas próximas de casa — na 413 e 416 Sul. Portanto, também não precisam de ônibus. "Aqui é tudo mais fácil, moço. É perto de tudo — do trabalho, da escola", reforça o chefe do clã.

Na semana passada, ela recebeu mais um hóspede no seu barraco — o "primo distante" José Luiz, um caminhoneiro de passagem por Brasília. "Ainda bem que ele vai passar só alguns dias. Se ele resolvesse ficar de vez, alguém teria que sair para ele entrar. A lotação do barraco está esgotada", brinca dona Maria Rosa.